



INFORME

Óleo, gás & biocombustíveis

FEVEREIRO/2026



ESCRITÓRIO

Rua Barão de Itambi, 60 – 5º andar - Rio de Janeiro | RJ, CEP: 22231-000
Tel: (21) 3799-6100 | www.fgv.br/energia | fgvenergia@fgv.br

PRIMEIRO PRESIDENTE FUNDADOR

Luiz Simões Lopes

PRESIDENTE

Carlos Ivan Simonsen Leal

VICE-PRESIDENTES

Clovis José Daudt Darrigue de Faro e Marcos Cintra Cavalcanti de Albuquerque



Instituição de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, criada em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, tem por finalidade atuar, de forma ampla, em todas as matérias de caráter científico, com ênfase no campo das ciências sociais: administração, direito e economia, contribuindo para o desenvolvimento econômico-social do país.

DIRETOR

Carlos Otavio de Vasconcellos Quintella

SUPERINTENDÊNCIA

Simone C. Lecques de Magalhães

SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA

Felipe Gonçalves
Marcio Lago Couto

COORDENAÇÃO DE PESQUISA DO SETOR ELÉTRICO

Luiz Roberto Bezerra

PESQUISADORES

Acacio Barreto Neto
Alex Almeida Sousa
Ana Beatriz Soares Aguiar
Antônio Quartim Baptista Migliora
Clarissa Brandão
Felipe Pompeu
Jéssica Germano
João Henrique de Azevedo
João Victor Marques Cardoso
Lucas Aragão
Luiza Gomes Guitarrari
Nikolas Maciel Carneiro
Paulo César Fernandes da Cunha
Rafaela Garcia Araújo
Ricardo Cavalcante
Thalita Barbosa

ASSISTENTE ADMINISTRATIVA

Cristiane Parreira de Castro
Ester Nascimento

ANALISTA DE PLANEJAMENTO

Julia Ximenes

AUXILIAR DE COMUNICAÇÃO

Lucas Fernandes de Sousa

ESTAGIÁRIO

Bianca Djelberian
Thais Mesquita

CONFLITO NO ORIENTE MÉDIO REINTRODUZ BLOQUEIOS FÍSICOS AO MERCADO GLOBAL DE PETRÓLEO E GÁS

O efeito imediato do conflito no Oriente Médio são a alta nos preços do petróleo, de um patamar de US\$60-70 ao longo de fevereiro até superar a faixa dos US\$ 80, US\$ 90, US\$ 100 e US\$ 110 nas três semanas seguintes ao ataque de 28 de fevereiro. O aumento rápido e consecutivo do preço é impulsionado pela paralisação parcial ou integral de instalações de produção de petróleo e gás, refinarias, dutos e terminais no Golfo Pérsico, devido tanto a ataques diretos quanto à negação parcial do uso do mar pelo Irã, impedindo o fluxo estável do transporte de petróleo, GNL e combustíveis através do Estreito de Ormuz

MERCADO INTERNACIONAL DE PETRÓLEO E GÁS NATURAL

- A oferta global de petróleo, em março 2026, pode sofrer uma queda abrupta de 7,9 MMbbl/d em petróleo bruto e até 9,9 MMbbl/d incluindo outros líquidos, o que a Agência Internacional de Energia classifica como “a maior perturbação no abastecimento da história do mercado petrolífero global”. A baixa na oferta só não é pior devido ao crescimento na produção de países não-OPEP+, além da Rússia e do Cazaquistão. A extensão das perdas em produção ainda deve impactar as estimativas sobre a oferta média global para 2026, que por ora podem crescer em média 1,1 MMbbl/d, bem abaixo dos 2,4 a 2,5 MMbbl/d projetados antes da eclosão dos ataques.
- Entre fevereiro e março de 2026, o mercado global de gás tem experimentado uma nova dinâmica capaz de influenciar o tênue equilíbrio entre a oferta de gás e os preços praticados nos principais polos de consumo. Desde o início do conflito, cerca de 19% da oferta global foi afetada.

MERCADO NACIONAL DE PETRÓLEO E GÁS NATURAL

- A produção brasileira de petróleo atingiu 3,953 MMbbl/d, sendo 97,9% produzido em campos marítimos. O resultado representa um recuo de 1,5% em

relação ao mês anterior e uma variação de 14,6% quando comparado ao mesmo período do ano anterior. O campo de Búzios, localizado na bacia de Santos, teve uma produção média de 875,68 bbl/d e segue liderando a produção nacional.

- A produção brasileira de gás atingiu 193,17 milhões de m³/d, sendo 87% produzido em campos marítimos. O resultado apresenta um recuo de 0,6% em relação ao mês anterior e uma variação de 20,2% em comparação ao mesmo período em 2025. Em janeiro de 2026, o aproveitamento de gás natural foi de 97,1%. Da porcentagem de gás aproveitado, 61,92 milhões de m³/d foram disponibilizados para o mercado.
- As vendas de combustíveis no Brasil somaram 12,62 bilhões de litros em janeiro de 2026, diminuição de 9,6% frente ao mês anterior. No mesmo período, as distribuidoras comercializaram 5,20 bilhões de litros de óleo diesel, retração mensal de 4,1%. Para 2026, estima-se um consumo de óleo diesel de 71,89 bilhões de litros, com um consumo médio mensal de 5,99 bilhões de litros, avanço de 3,5% frente a 2025.

MERCADO NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEIS

- Em janeiro de 2026, a produção nacional de etanol somou 1,22 bilhão de litros, retração de 28% frente

ao mês anterior. Desse total, 0,55 bilhão de litros corresponderam ao etanol anidro (-20%) e 0,67 bilhão de litros ao etanol hidratado (-33%) na comparação mensal. Na safra 2025/26, período correspondente entre abril de 2025 e janeiro de 2026, a produção acumulada alcançou 34,3 bilhões de litros, redução de 3,1% em relação ao mesmo período da safra anterior.

- A produção nacional de biodiesel atingiu 708 milhões de litros em janeiro de 2026, volume 16,5% inferior ao observado no mês passado. Na comparação anual, verificou-se um aumento de 9,8% em relação a janeiro de 2025. No mesmo período, o preço da soja, principal matéria-prima utilizada na fabricação do biocombustível, apresentou variação negativa de 5,7%, em relação ao mês anterior, alcançando US\$ 24,55.

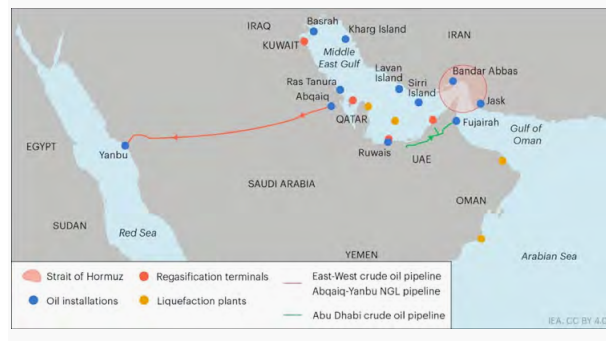
PETROPOLÍTICA

A crise no Oriente Médio, iniciada por um ataque coordenado por Israel e Estados Unidos contra o Irã, apresenta uma escalada sem precedentes com o bloqueio quase integral do Estreito de Hormuz, danos a infraestruturas energéticas críticas em todo o Golfo Pérsico e o risco iminente do envolvimento direto de demais países da região em uma guerra declarada. O principal efeito foi a disparada do preço do petróleo, que alcançou pico de até US\$ 120.

- A tensão entre os Estados Unidos e o Irã percorre décadas. A raiz dessa tensão é justificada, pelo Irã, no golpe planejado pela CIA que derrubou o presidente Mohammad Mosaddegh, em 1953, com o objetivo de reverter a nacionalização da indústria do petróleo no país. Do lado estadunidense, o rompimento das relações diplomáticas decorre da Revolução Iraniana de 1979, que encerrou o regime do Xá Reza Pahlav, aliado dos EUA, e deu início à teocracia dos aiatolás, sendo simbólica a captura da embaixada americana e a crise de 52 funcionários mantidos reféns por 444 diasⁱ. Um hiato de cooperação entre os dois países somente se deu com a assinatura do Plano de Ação Conjunto Global (JCPOA, em inglês) ou Acordo Nuclear com o Irã, firmado em 2015 entre o Irã e o grupo P5+1 (EUA, Reino Unido, França, China, Rússia e Alemanha) para suspender sanções contra a economia iraniana, com a contrapartida do Irã em limitar seu programa nuclear, incluindo volumes estocados de urânio e seu grau de enriquecimento sob a vistoria internacional. A retirada dos EUA em 2018 no primeiro governo Trump enfraqueceu o Acordo e um novo ciclo de desconfiança bilateral foi iniciado.
- O episódio mais recente da tensão EUA-Irã, iniciado em 28 de fevereiro de 2026 com um ataque militar coordenado por EUA e Israel contra o Irã e que culminou na morte do líder supremo Ali Khamenei, possui um contexto motivador mais recente. A escalada da tensão não estaria desassociada dos atos de terrorismo perpetrados pelo Hamas contra Israel, em outubro de 2023, sucedido por uma longa campanha israelense de eliminação de ameaças, como o próprio Hamas, na Palestina, e o Hezbollah, no Líbano. Ambos os grupos políticos e paramilitares são apoiados pelo Irã com o objetivo declarado de eliminar o Estado de Israel, criando-se o contexto estrategicamente oportuno para Israel convencer a entrada dos EUA em um conflito direto com o Irã. Diferentemente do bombardeio aéreo dos EUA pontualmente contra instalações nucleares iranianas, em junho de 2025, a estratégia em andamento denominada *Fúria Épica* marca uma guinada, com menor incentivo para ambos os lados desescalarem, pois um fracasso comprometeria, de um lado, resultados favoráveis ao governo Trump nas eleições de meio de mandato e, por outro, a sobrevivência e a estabilidade do regime iraniano.
- O efeito imediato do conflito foi a alta nos preços do petróleo, de um patamar de US\$60-70 ao longo de fevereiro até superar a faixa dos US\$ 80, US\$ 90, US\$ 100 e US\$ 110 nas três semanas seguintes ao ataque de 28 de fevereiro. O aumento rápido e consecutivo do preço é impulsionado pela paralisação parcial ou integral de instalações de produção de petróleo e gás, refinarias, dutos e terminais em diferentes países do Golfo Pérsico, devido tanto a ataques diretos quanto à negação parcial do uso do mar pelo Irã, impedindo a navegação livre e o fluxo estável do transporte de petróleo, GNL e combustíveis através do Estreito de Ormuz. Nesse contexto, a paralisação da produção se faz necessária devido à falta de escoamento – impedido também pelo cancelamento e reprecificação de apólices de seguros marítimosⁱⁱ – levando a capacidade de armazenamento ao seu limite. Esse processo também é intensificado pela baixa disponibilidade de alternativas logísticas, como:

- **Oleoduto Leste-Oeste**, na Arábia Saudita, que alimenta o Porto de Yanbu no Mar Vermelho, possui capacidade para 7 MMbbl/dⁱⁱⁱ;
- **Oleoduto Habshan-Fujairah**, nos Emirados Árabes Unidos, que alcança o terminal de exportação Fujairah, no Golfo do Omã, possui capacidade de até 1,8 MMbbl/d^{iv};
- **Oleoduto Kirkuk-Ceyhan**, que conecta o norte do Iraque ao Porto de Ceyhan, na Turquia, cujo fluxo foi retomado em até 250 mil bbl/d após acordo entre o governo iraquiano, em Bagdá, e o governo regional curdo^v; e,
- **Terminal Jask**, no Irã, que oferece rota alternativa via Mar do Omã, com capacidade para 1 MMbbl/d, apenas um terço da capacidade do terminal de Kharg no Golfo Pérsico^{vi}.

FIGURA 1: INFRAESTRUTURA DE O&G NO GOLFO PÉRSICO

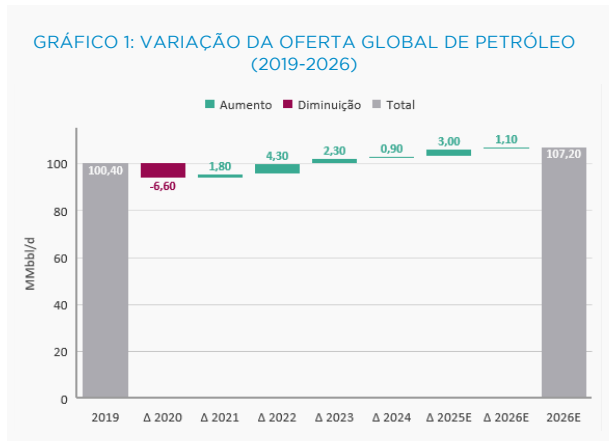


Fonte: Fonte: Agência Internacional de Energia

PETRÓLEO

1. OFERTA INTERNACIONAL DE PETRÓLEO

- A Agência Internacional de Energia (IEA, em inglês) disponibilizou extraordinariamente ao público a íntegra da edição de março de 2026 do *Oil Market Report*, alegando a velocidade, profundidade e desconhecida duração dos eventos atuais. Segundo a IEA, a oferta global de petróleo, em março 2026, pode sofrer uma queda abrupta de 7,9 MMbbl/d em petróleo bruto e até 9,9 MMbbl/d incluindo outros líquidos, o que classifica como “a maior perturbação no abastecimento da história do mercado petrolífero global”. A baixa na oferta só não é pior devido ao crescimento na produção de países não-OPEP+, além da Rússia e do Cazaquistão. A extensão das perdas em produção ainda deve impactar as estimativas sobre a oferta média global para 2026, que por ora podem crescer em média 1,1 MMbbl/d, bem abaixo dos 2,4 a 2,5 MMbbl/d projetados antes da eclosão dos ataques.

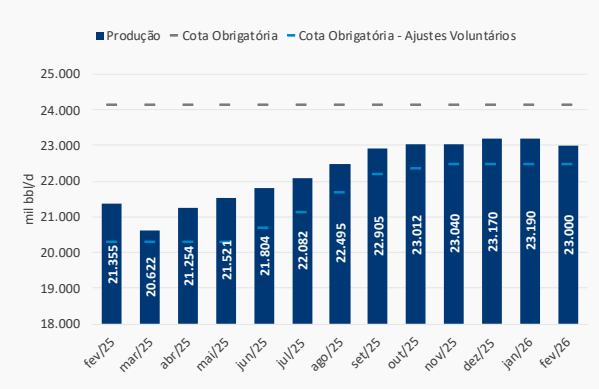


Fonte: elaboração própria com dados da IEA (Março de 2025)

- A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) declarou uma produção de 28,630 MMbbl/d, em fevereiro de 2026, indicando uma trajetória contínua de crescimento, conforme o Relatório Mensal sobre o Mercado de Petróleo da OPEP de março de 2026^{vii}. Na variação mensal, o crescimento de 164 mil bbl/d foi mobilizado principalmente por Venezuela (+80 mil bbl/d), Irã (+34 mil bbl/d), Iraque (+31 mil bbl/d), EAU (+30 mil bbl/d) e Arábia Saudita (+24 mil bbl/d). Con-

siderando apenas os países da OPEP-9, sujeitos a cotas obrigatórias, a produção registrou 23,000 MMbbl/d (ver Gráfico 2). Após a conclusão da fase de devolução ao mercado dos 2,2 MMbbl/d voluntariamente suprimidos por Arábia Saudita, Rússia, Iraque, EAU, Kuwait, Cazaquistão, Argélia e Omã, esses países decidiram em 01 de março de 2026 a dar início, em abril, a uma nova fase de reajuste, visando retornar gradualmente ao mercado o corte voluntário de 1,65 MMbbl/d, represados desde abril de 2023^{viii}. Apesar do conflito deflagrado no Oriente Médio, tal medida foi adotada com a perspectiva vigente até então de fundamentos saudáveis do mercado, em reflexo aos baixos níveis de estoques de petróleo, porém, os países informaram que continuarão a monitorar e avaliar de perto as condições de mercado, adotando uma abordagem cautelosa e flexível para aumentar, pausar ou reverter a retirada gradual dos ajustes voluntários de produção.

GRÁFICO 2: PRODUÇÃO DE PETRÓLEO DA OPEP-9

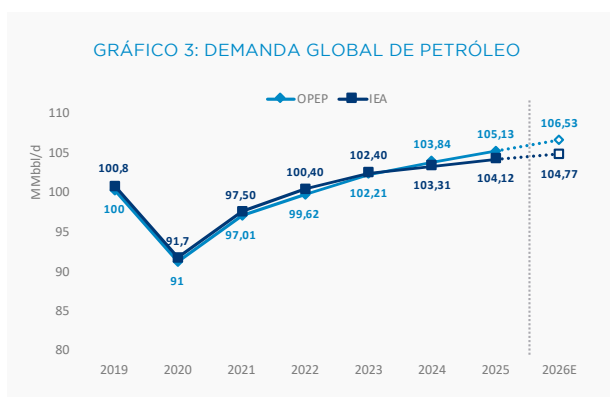


Fonte: elaboração própria com dados da OPEP (2025)

- Considerando a produção não-OPEP+, o Relatório Mensal da OPEP estima um crescimento de cerca de 630 mil bbl/d, alcançando uma média de 54,8 MMbbl/d, em 2026. Espera-se que os principais motores desse crescimento sejam Brasil, Canadá, Estados Unidos e Argentina. Em 2027, a produção de líquidos do mesmo grupo também deverá crescer cerca de 610 mil bbl/d, atingindo uma média de 55,4 MMbbl/d. Os principais impulsionadores da expansão da oferta de líquidos deverão ser Brasil, Canadá, Catar e Argentina..

2. DEMANDA INTERNACIONAL DE PETRÓLEO

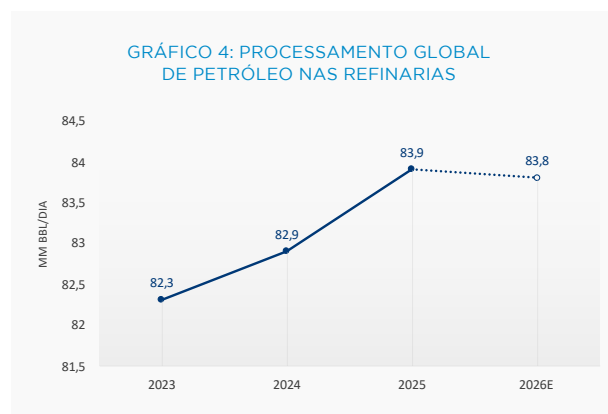
- Nas estimativas de demanda global de petróleo, o Relatório Mensal da OPEP indica um nível saudável de crescimento de 1,38 MMbbl/d, inalterada em relação à avaliação do mês anterior. Nos países da OCDE, a demanda deve crescer cerca de 0,15 MMbbl/d, impulsionada principalmente pelas Américas e apoiada por uma recuperação na OCDE Europa. Nos países não-OCDE, a demanda deve crescer cerca de 1,2 MMbbl/d, também sem mudanças em relação à avaliação do mês passado. Nesse grupo, o crescimento será majoritariamente impulsionado por Índia e China, e setorialmente pelos combustíveis para transporte, além de atividades industriais, de construção e agrícolas robustas nos países não-OCDE. Para 2027, projeta-se que o crescimento da demanda global por petróleo aumente 1,34 MMbbl/d. As projeções da IEA, por sua vez, já foram atualizadas pelo impacto do conflito no Oriente Médio. A Agência revisou para baixo a projeção de crescimento da demanda global por petróleo para março e abril, em cerca de 1 MMbbl/d em média em relação à estimativa do relatório do mês anterior, o que interrompe o forte começo de ano. A maior incerteza prejudica as perspectivas sobre a demanda global por petróleo, que deve crescer 640 mil bbl/d em 2026 na comparação anual, uma redução de 210 mil bbl/d em relação ao mês passado (ver Gráfico 3).



Fonte: elaboração própria com dados da IEA e OPEP (2025)

- O processamento de petróleo em refinarias é estimado em média 83,8 MMbbl/d em 2026, o que representa um volume estável, segundo a IEA. O impacto da guerra sobre o segmento *downstream* já é sentido, porém, em cerca de 4 MMbbl/d em

capacidade paralisados ou em risco de paralisação no Oriente Médio, além dos impactos sobre o aumento das margens do refino, que elevaram o crack spread de produtos como óleo diesel e querosene de aviação em relação ao barril de petróleo. Segundo a IEA, as margens das refinarias aumentaram globalmente na sequência do fechamento do Estreito de Ormuz, pois a perda das exportações de derivados do Oriente Médio reformulou as arbitragens de produtos para atrair barris adicionais para locais de importação e incentivar uma mudança nos rendimentos das refinarias.

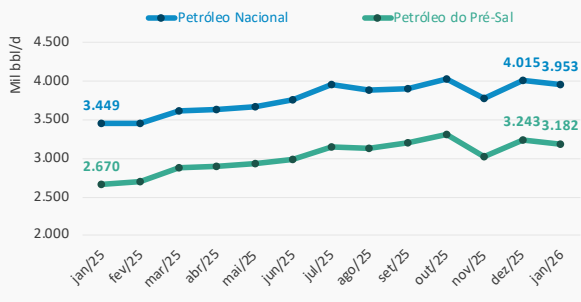


Fonte: elaboração própria com dados da IEA

3. OFERTA NACIONAL DE PETRÓLEO

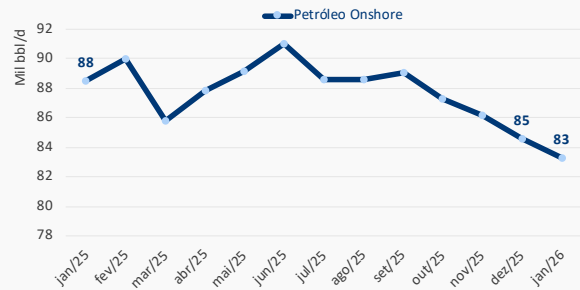
- A produção brasileira de petróleo atingiu 3,953 MMbbl/d, sendo 97,9% produzido em campos marítimos. O resultado representa um recuo de 1,5% em relação ao mês anterior e uma variação de 14,6% quando comparado ao mesmo período do ano anterior. O campo de Búzios, localizado na bacia de Santos, teve uma produção média de 875,68 bbl/d e segue liderando a produção nacional. Seguindo os padrões do mês anterior, a FPSO Almirante Tamandaré se mantém em destaque por ser a instalação de maior produção individual do país com 241.608 bbl/d, um aumento de 2.648 bbl/d em relação a dezembro de 2025.
- A produção de petróleo no ambiente terrestre atingiu 84,6 mil bbl/d em dezembro de 2025, o que representa uma queda de 1,8% em relação ao mês anterior. Na variação anual, a produção apresenta uma redução de 3,6% em relação ao mesmo período de 2024.

GRÁFICO 5: PRODUÇÃO NACIONAL DE PETRÓLEO



Fonte: Elaboração própria com dados da ANP

GRÁFICO 6: PRODUÇÃO NACIONAL DE PETRÓLEO NO AMBIENTE TERRESTRE



Fonte: Elaboração própria com dados da ANP

DE OLHO NO MERCADO:

- » A Refinaria de Mataripe registrou ao menos cinco paradas não programadas ao longo de 2025, gerando impactos recorrentes no abastecimento de combustíveis na Bahia, especialmente de diesel e gasolina. Dado o papel estratégico da refinaria, responsável por aproximadamente 89% do volume de óleo diesel comercializado no estado, os episódios afetaram distribuidoras locais e levaram a ANP a autorizar temporariamente o uso de diesel S10 para abastecimento de S500 na região. Em paralelo, avançam as negociações entre a Petrobras e o fundo Mubadala para a recompra da unidade, com proposta preliminar já circulando entre os governos do Brasil e dos Emirados Árabes.
- A ANP autorizou a Petrobras a retomar a perfuração do poço Morpho, na Bacia da Foz do Amazonas, cerca de 35 dias após um vazamento (cerca de 18 mil litros de fluido sintético de perfuração no mar), ocorrido no mês de janeiro (2026). A retomada foi condicionada ao cumprimento de uma série de exigências de segurança operacional. O Ibama aplicou multa de R\$ 2,5 milhões à companhia pelo incidente, classificado pelo órgão como de risco médio à saúde humana e ao meio ambiente marinho, enquanto as causas do vazamento seguem sob investigação.
- A plataforma P-79 chegou ao campo de Búzios, no Pré-sal da Bacia de Santos, conforme cronograma previsto. Com capacidade de produção de 180 mil bpd e compressão de 7,2 MMm³ de gás, a unidade

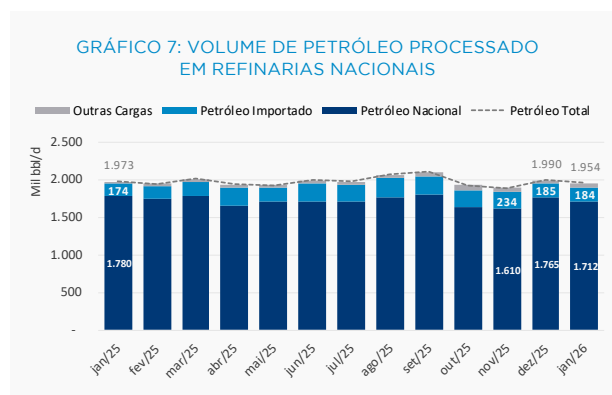
integra o projeto de Desenvolvimento da Produção de Búzios 8. O início das operações, previsto para agosto de 2026, está condicionado à resolução de pendências, por parte da concessionária, ainda abertas identificadas pela ANP em auditoria de segurança operacional.

- A Petrobras registrou recorde trimestral de exportações de petróleo no quarto trimestre de 2025, atingindo 1 MM bpd, e recorde anual com média de 765 mil bpd ao longo do ano. A produção total da companhia alcançou 2,99 MM boe/d em 2025, crescimento de 11% em relação a 2024 e resultado 2,8% acima do limite superior da meta prevista para o ano. O fator de utilização das refinarias atingiu média de 91%, enquanto a comercialização de derivados no mercado interno chegou a 1.747 mil bpd, alta de 1,6% ante 2024.
- Os Ministérios do Meio Ambiente e de Minas e Energia assinaram manifestação conjunta inédita confirmando a viabilidade ambiental de uma área contínua nas Bacias de Campos, Santos e Espírito Santo para inclusão na oferta permanente de blocos exploratórios. A medida, a primeira do gênero no país, amplia para 26 o número de blocos disponíveis no próximo leilão de partilha e deve conferir maior celeridade e previsibilidade regulatória ao processo. O MME estima que as áreas possam gerar até R\$ 3,2 bilhões em bônus de assinatura e R\$ 1,6 trilhão em arrecadação governamental ao longo dos contratos.

4. DEMANDA NACIONAL DE PETRÓLEO

4.1. Processamento de Petróleo nas Refinarias

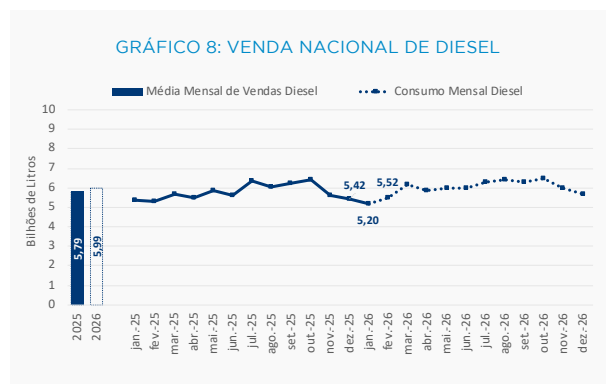
- O parque de refino nacional processou 1,954 MMbbl/d em janeiro, o que representa uma redução de 1,8% em comparação a dezembro de 2025 e de 0,9% em comparação ao mesmo período do ano anterior. Do volume total processado, a carga nacional mantém uma participação de 87,6%, 3,8% menor do que os volumes registrados em janeiro de 2025.



Fonte: Elaboração própria com dados da ANP

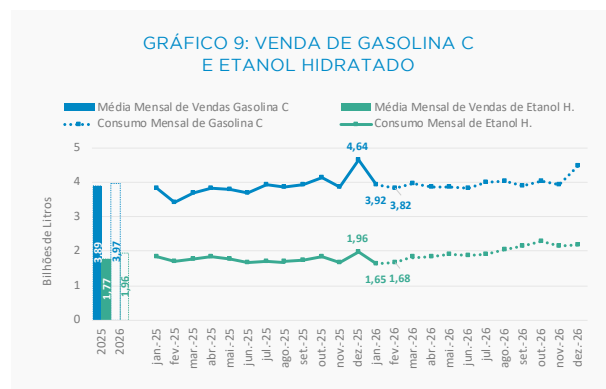
4.2. Vendas de Combustíveis

- As vendas de combustíveis no Brasil somaram 12,62 bilhões de litros em janeiro de 2026, diminuição de 9,6% frente ao mês anterior. No mesmo período, as distribuidoras comercializaram 5,20 bilhões de litros de óleo diesel, retração mensal de 4,1% (ver Gráfico 8). Para 2026, estima-se um consumo de óleo diesel de 71,89 bilhões de litros, com um consumo médio mensal de 5,99 bilhões de litros, avanço de 3,5% frente a 2025.



Fonte: elaboração própria com dados da ANP e EPE

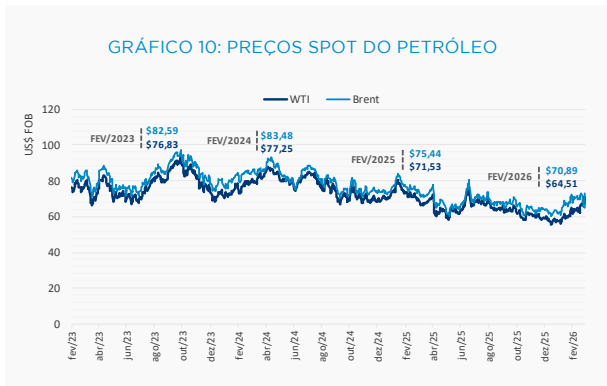
- Em janeiro de 2026, as distribuidoras comercializaram 3,92 bilhões de litros de gasolina C, queda de 15,5% em relação ao mês anterior. No mesmo período, o consumo de etanol hidratado atingiu 1,65 bilhão de litros, diminuição de 15,9% na variação mensal (ver Gráfico 9). Para 2026, projeta-se demanda de 47,65 bilhões de litros de gasolina C (consumo médio mensal de 3,97 bilhões de litros) e 23,49 bilhões de litros de etanol hidratado (consumo médio mensal de 1,96 bilhões de litros), correspondendo a variações de +2,1% e +10,6%, respectivamente, em relação a 2025.



Fonte: elaboração própria com dados da ANP e EPE

5. PREÇOS DE PETRÓLEO E DERIVADOS

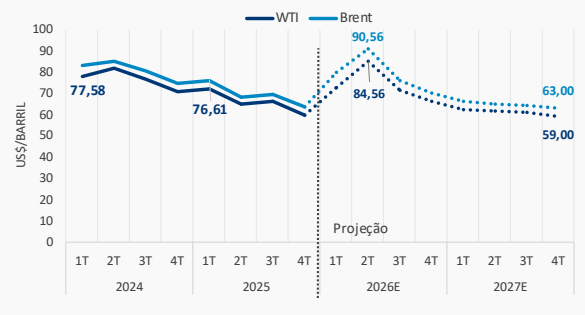
- Os preços globais do petróleo têm oscilado fortemente desde que Estados Unidos e Israel lançaram ataques aéreos contra o Irã em 28 de fevereiro. Os preços subiram cerca de US\$ 20/barril na primeira semana e, em seguida, dispararam e despencaram quase US\$ 35/barril em um único dia, sendo a maior variação diária já registrada. Os benchmarks físicos de petróleo dispararam no início de março, acompanhando os preços futuros, à medida que as exportações do Oriente Médio foram fortemente reduzidas. Esse aperto repentino na oferta veio após sinais de fraqueza no fim de fevereiro, quando o mercado entrou em leve contango, apesar dos riscos geopolíticos.



Fonte: elaboração própria com dados da EIA

- As estimativas do Relatório de Curto Prazo do Setor energético de março de 2026 da EIA já refletem os impactos do conflito no Oriente Médio. Segundo a EIA, o preço do petróleo Brent subiu de US\$ 71/b em 27 de fevereiro para US\$ 104/b em 9 de março, após o início do conflito, e o fechamento parcial do Estreito de Hormuz elevou a incerteza e adicionou um forte prêmio de risco aos preços. No curto prazo, disrupções e o prêmio de risco devem manter o Brent em torno de US\$ 91/b no segundo trimestre de 2026. No médio prazo, com a normalização, a oferta global deve superar a demanda, aumentando estoques, o que tende a pressionar os preços para baixo, em cerca de US\$ 70 no fim de 2026 e US\$ 64 em 2027.

GRÁFICO 11: ESTIMATIVA DE PREÇOS DO PETRÓLEO POR TRIMESTRE (2024-2027)



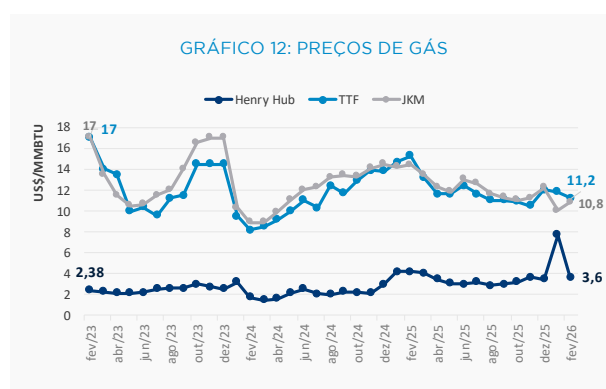
Fonte: elaboração própria com dados da EIA

GÁS NATURAL

6. MERCADO INTERNACIONAL DE GÁS NATURAL

- Em fevereiro de 2026, os preços internacionais de gás natural registraram novas oscilações, marcado pela contração dos preços praticados nos mercados europeu e dos Estados Unidos e de novo aumento no mercado asiático. No mercado europeu, o índice de referência Dutch TTF (*Title Transfer Facility*) manteve a tendência de contração dos preços, com uma oscilação de 5% para baixo, em relação ao valor registrado no mês anterior, de modo a manter os preços em US\$ 11,2/MMBTU (ver **Gráfico 12**). A redução ocorreu devido ao aumento das temperaturas em meio ao inverno europeu e, aumento recorde das importações de GNL, que contribuíram para pressionar o preço para baixo.
- Apesar da queda no preço TTF, este manteve o *premiu*m dos preços de gás em relação ao mercado asiático, assim como fora no mês de janeiro, com um spread de US\$ 0,4/MMBTU. Por outro lado, o mercado asiático reverteu a tendência de queda nos preços registrado no mês de janeiro. Assim,

os preços JKM (*Japan Korea Marker*) registraram um aumento de 7,5%, culminando em US\$ 10,8/MMBTU. No mercado dos Estados Unidos, o preço Henry Hub registrou uma acentuada contração, face ao incremento substancial de 120% registrado em janeiro. O preço registrou uma queda de 53,2%, quando comparado ao mês anterior, retomando a faixa dos US\$ 3,6/MMBTU, devido à redução do consumo de gás residencial em virtude das temperaturas mais amenas para o inverno e, recuperação da produção doméstica.



Fonte: elaboração própria com dados da IEA

DE OLHO NO MERCADO:

» Novos desdobramentos do conflito no Oriente Médio podem trazer mudanças nos fluxos de GNL e diversificação de parceiros a partir de novos contratos spot.

Entre fevereiro e março de 2026, o mercado global de gás tem experimentado uma nova dinâmica capaz de influenciar o tênue equilíbrio entre a oferta de gás e os preços praticados nos principais polos de consumo. Desde o início do conflito, cerca de 19% da oferta global foi afetada, reforçando a necessidade de diversificação de fornecedores.

- o **No Catar**, os ataques a infraestrutura de GNL do país levaram à declaração de força maior em contratos de exportação, com efeitos diretos aos parceiros comerciais e sobre a reconfiguração dos fluxos de origem do GNL;
- o **O Governo Indiano** ordenou o redirecionamento de todo o GNL regaseificado e o gás produzido domesticamente para emprego em setores econômicos prioritários, sob receio de restrição da oferta do insumo;
- o **Na Ásia**, os países têm recorrido ao uso de estoques estratégicos de gás para amortecer choques da produção e disponibilidade do gás;
- o **Representantes ligados à Chevron e Shell** apontaram para uma eventual mudança na estratégia de gás das companhias, com a possibilidade de reforçar a parceria comercial na América do Sul e África; e

- o **Governo Russo aponta o aumento da procura por gás russo.** Após o anúncio da flexibilização da venda de petróleo russo que estava em embarcações, por parte de Washington, alguns países tonaram a procurar Moscou para venda de novos volumes de gás. No entanto, a comercialização ainda enfrenta resistências e dissenso entre os países do Ocidente.

» **Mercado de Gás da Argentina pode atingir níveis recordes de exportação em 2031.** Segundo representantes ligados à companhia YPF, a Argentina poderá registrar um investimento estimado de US\$ 130 bilhões no mercado de gás. O objetivo é desenvolver a infraestrutura de transporte na região de Vaca Muerta até 2031, ao mesmo tempo em que o país atinge novos volumes recordes de exportação de GNL. A oferta do recurso pode aumentar a partir do ano que vem, com a perspectiva da chegada da embarcação de GNL, Hilli Episeyo, com capacidades para abrigar 2,4 Milhões de toneladas de GNL, por ano.

» **Os Estados Unidos lançam Iniciativa Global de Gás (GGI, na sigla em inglês).** A iniciativa foi lançada pela Agência de Comércio e Desenvolvimento dos Estados Unidos (USTDA, em inglês) com objetivo de expandir as exportações de GNL por meio de novos incentivos à infraestrutura em países que necessitam das importações de GNL dos EUA. A Iniciativa prevê missões comerciais com delegado de cerca de 12 países para acompanhar as tecnologias e serviços aplicados na Indústria de GNL.

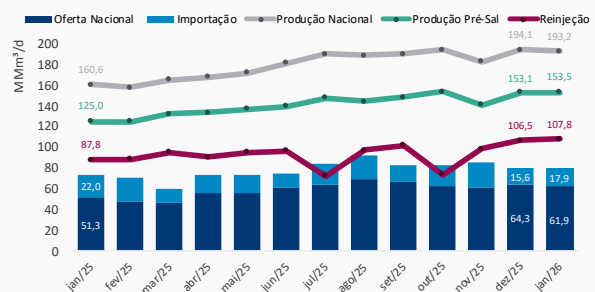
Fonte: [S&P Global](#); [AlJazeera](#); [Jornal Portuário](#); [LNGIndustry](#).

7. MERCADO NACIONAL DE GÁS NATURAL

A produção brasileira de gás atingiu 193,17 milhões de m³/d, sendo 87% produzido em campos marítimos. O resultado apresenta um recuo de 0,6% em relação ao mês anterior e uma variação de 20,2% em comparação ao mesmo período em 2025. Em janeiro de 2026, o aproveitamento de gás natural foi de 97,1%. Da porcentagem de gás aproveitado, 61,92 milhões de m³/d foram disponibilizados para o mercado. A queima de gás natural no mês foi de 5,68 milhões de m³/d, representando uma variação de 16,9% em relação dezembro de 2025 e 27% em relação a janeiro de 2025. O campo Tupi, localizado na bacia de Santos, liderou a produção de gás natural com uma média de produção de 43,19 milhões

de m³/d. No período, a FPSO Marechal Duque de Caxias que liderou a produção individual por instalação com 12,51 milhões de m³/d.

GRÁFICO 13: PRODUÇÃO E OFERTA NACIONAL DE GÁS NATURAL



Fonte: Elaboração própria com dados da ANP

DE OLHO NO MERCADO:

»A GNLink recebeu autorização da ANP para iniciar as operações de sua planta de liquefação e compressão em Assú (RN), terceira unidade construída pela companhia e com capacidade de até 100 mil m³/dia. A instalação, que recebeu investimentos de R\$ 125 milhões, irá liquefazer gás produzido em campos onshore da Bacia Potiguar para abastecer localidades sem acesso à rede canalizada em um raio de até 1.000 km. Atualmente, a empresa conta com três plantas em operação e capacidade equivalente a 290 mil m³/dia, com planos de expansão para o Sudeste e reforço na região Sul.

- O Governo do Estado do Rio de Janeiro decidiu relicitar as concessões de gás canalizado da CEG e CEG Rio, cujos contratos vencem em julho de 2027, optando por não renovar o contrato com a atual operadora. A decisão foi motivada pela necessidade de modernizar os instrumentos contratuais e a regulação estadual do setor, e está amparada em estudos que apontam vantagens em termos de eficiência operacional e tarifas mais competitivas. O estado estima que precisará indenizar a atual concessionária em R\$ 7,2 bilhões ao fim dos contratos, valor que deverá ser descontado do bônus de outorga da nova licitação. Em paralelo, a Assembleia Legislativa estadual formalizou a criação de uma CPI para investigar o processo de renovação das concessões, e o Tribunal de Contas do Estado questionou a legalidade da prorrogação contratual que havia sido solicitada pela operadora.
- A ANP aprovou desconto de 15% nas tarifas de saída dos gasodutos de transporte para contratos de longo prazo, medida voltada especialmente a ampliar a competitividade das termelétricas a gás conectadas à malha no Leilão de Reserva de Capacidade (LRCAP) previsto

para o mês de março (2026). O incentivo busca equalizar os custos das usinas conectadas à rede frente às desconectadas, com base em tarifa-alvo calculada em R\$ 2,71/MMBTU. Caso o desconto gere desequilíbrio de receitas para as transportadoras, a ANP sinalizou que poderá recorrer à conta regulatória para compensar eventuais frustrações de demanda.

- A Petrobras fechou contrato para fornecimento de gás natural no mercado livre com uma indústria ceramista do Ceará, tornando-a o primeiro cliente livre do estado e o primeiro no Nordeste a ser suprido pela estatal nesse modelo de contratação. O acordo reflete a estratégia da companhia de diversificar sua base de clientes no mercado livre, expandindo a atuação para além da indústria siderúrgica. Segundo a Wood Mackenzie, o mercado livre de gás no país está concentrado em três grandes players: Petrobras, Galp e Edge, com perfis de atuação distintos. A Petrobras domina grandes contratos, a Galp foca em volumes menores e a Edge mantém portfólio mais diversificado.
- As principais transportadoras de gás do país questionaram, na esfera administrativa, a legalidade da nova metodologia proposta pela ANP para valoração da Base Regulatória de Ativos (BRA) no âmbito da revisão tarifária do setor. As empresas argumentam que a aplicação retroativa da nova metodologia a contratos firmados há mais de duas décadas configura violação ao regime jurídico vigente à época das contratações, além de apontarem irregularidades no rito regulatório. A disputa, que envolve impacto estimado em cerca de R\$ 8 bilhões na valoração dos primeiros contratos legados a vencer, coloca em lados opostos transportadoras e usuários do sistema, com risco de judicialização caso não haja resolução na esfera administrativa.

BIOCOMBUSTÍVEIS

8. MERCADO INTERNACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEIS

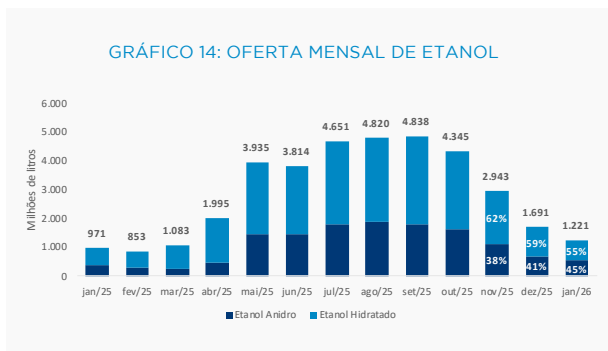
- O Brasil ocupa posição privilegiada no mercado global de biocombustíveis, com 430 usinas, produção anual de 37 bilhões de litros de etanol e capacidade de reduzir em até 90% as emissões de gases de efeito estufa frente aos combustíveis fósseis. A demanda internacional cresce: Japão, Índia, Indonésia e Vietnã avançam em mandatos de mistura, e o etanol já desponta como matéria-prima para combustível sustentável de aviação (SAF) e uso marítimo. Apesar das bases sólidas construídas desde o Proálcool (1975) até a Lei do Combustível do Futuro (2024), o país ainda carece de uma estratégia nacional integrada que vá além da produção e projete o Brasil como exportador de tecnologia, regulação e inteligência industrial. De acordo com Bruno Serapião, engenheiro e CEO da Atvos, sem essa atuação diplomática e comercial ativa, especialmente no Sudeste Asiático, o risco é o Brasil permanecer como mero fornecedor de commodity enquanto outros países definem as regras e capturam o valor da cadeia^X.
- O acordo comercial entre a União Europeia e o Mercosul, cuja implementação provisória foi anunciada pela presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, em fevereiro de 2025, abre ao Brasil uma quota de 200.000 toneladas métricas/ano de etanol combustível com tarifas reduzidas, além de 450.000 toneladas de etanol não combustível isentas de impostos. O acesso privilegiado ao mercado europeu representa uma oportunidade significativa para o setor brasileiro, ainda que as importações europeias de etanol brasileiro já venham caindo desde 2023. Do lado europeu, o acordo é cercado de controvérsias: produtores de bioetanol do bloco alertam para riscos às biorrefinarias locais, o Parlamento Europeu votou pelo encaminhamento do texto ao Tribunal de Justiça da UE para revisão, o que pode atrasar a ratificação final em até dois anos, e o presidente francês Emmanuel Macron criticou a decisão como unilateral^X.

- A escalada do conflito no Oriente Médio está se transmitindo rapidamente para a cadeia global de alimentos, com impactos diretos sobre energia, fertilizantes e logística. O Estreito de Ormuz, por onde passam 27% das exportações globais de petróleo, 20% do GNL e até 30% dos fertilizantes, viu seu tráfego marítimo despencar cerca de 75%, enquanto os seguros marítimos subiram 50% e fretes em algumas rotas dispararam mais de 1.000% em menos de duas semanas. O petróleo subiu mais de 15% e o gás natural europeu saltou mais de 50%, encarecendo diretamente a produção de fertilizantes nitrogenados: a amônia na Europa avançou 65% desde janeiro, a ureia no Oriente Médio subiu 19% em uma semana e o DAP no Golfo do México ganhou 5%. O IFPRI estima que até um terço do comércio global de fertilizantes pode ser afetado caso a situação persista, pressionando as margens dos agricultores e potencialmente alterando decisões de plantio nas próximas safras^{XI}.

9. MERCADO NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEIS

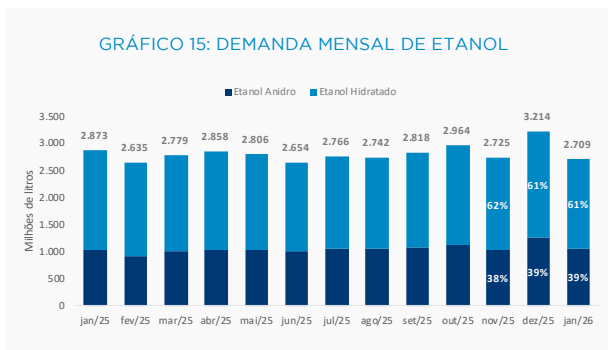
9.1. Etanol

- Em janeiro de 2026, a produção nacional de etanol somou 1,22 bilhão de litros, retração de 28% frente ao mês anterior. Desse total, 0,55 bilhão de litros corresponderam ao etanol anidro (-20%) e 0,67 bilhão de litros ao etanol hidratado (-33%) na comparação mensal (**ver Gráfico 14**). Na safra 2025/26, período correspondente entre abril de 2025 e janeiro de 2026, a produção acumulada alcançou 34,3 bilhões de litros, redução de 3,1% em relação ao mesmo período da safra anterior.
- A moagem de cana-de-açúcar na safra 2025/26, acumulada até 1º de fevereiro de 2026, totalizou 601,6 milhões de toneladas, ante 614,9 milhões de toneladas no mesmo intervalo da safra anterior, representando retração de 2,2%.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da ANP

- O consumo total de etanol no país alcançou 2,71 bilhões de litros em janeiro de 2026, dos quais cerca de 1,06 bilhão de litros foram de etanol anidro e 1,65 bilhão de litros de etanol hidratado. Em comparação ao mês anterior, observou-se uma diminuição de 15,5% no consumo de etanol anidro e de 15,9% no consumo de etanol hidratado (ver Gráfico 15).



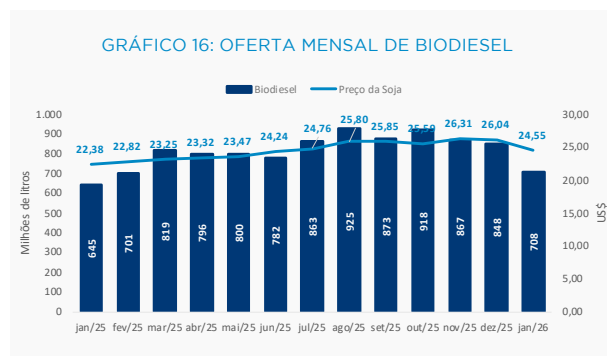
Fonte: Elaboração própria com base nos dados da ANP

- O mercado internacional de açúcar entra em fase de abundância, com superávits projetados nas safras 2025/26 e 2026/27 impulsionados pela recuperação produtiva do Brasil e pela expansão de oferta na Índia e Tailândia. Para o setor sucroenergético brasileiro, o cenário desloca o debate para a alocação eficiente da cana entre açúcar e etanol. Ampliar o mix para etanol deixa de ser apenas oportunidade e passa a ser instrumento de gestão de risco: reduz oferta exportável de açúcar, contribuindo marginalmente para reequilibrar o mercado global, e protege o caixa das usinas via vendas no mercado doméstico de combustíveis. O horizonte até 2027 aponta para um ciclo de normalização, não de crise^{xii}.

- Nesse contexto, a safra 2026/27 do setor sucroenergético brasileiro marca uma virada relevante no mix produtivo: pela primeira vez em ciclos recentes, o etanol assume o protagonismo. Com a remuneração do hidratado 30% acima do açúcar. As usinas tendem a priorizar o biocombustível, projetando um mix de 53% de etanol e 47% de açúcar. A elevação da mistura obrigatória de anidro na gasolina de 27% para 30% (E30), implementada em agosto de 2025, reforça essa tendência, com demanda adicional estimada em 1,85 bilhão de litros no período. Do lado do açúcar, as usinas seguem protegidas por hedge travado em torno de 19 centavos/libra no quarto trimestre de 2025, enquanto as cotações atuais em Nova York estão abaixo de 14 centavos, próximas ao custo de produção estimado entre 13,5 e 13,8 centavos. Sem essa proteção, exportações de 32 a 33 milhões de toneladas seriam inviáveis e o mix de açúcar poderia cair abaixo de 45%. O mercado interno também pressiona: o consumo doméstico de açúcar recuou de uma média de 14 milhões de toneladas anuais na última década para uma estimativa de 9,5 milhões de toneladas em 2026^{xiii}.

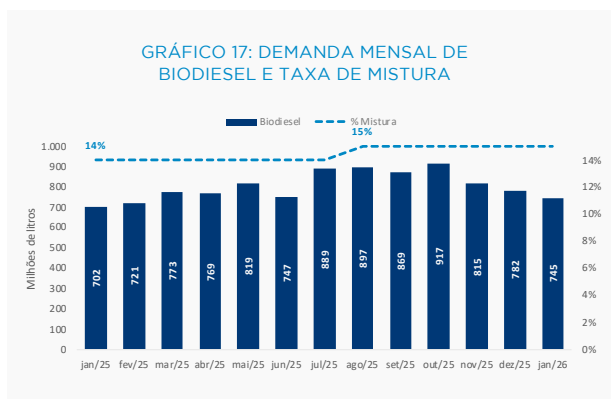
9.2. Biodiesel

- A produção nacional de biodiesel atingiu 708 milhões de litros em janeiro de 2026, volume 16,5% inferior ao observado no mês passado. Na comparação anual, verificou-se um aumento de 9,8% em relação a janeiro de 2025 (ver Gráfico 16). No mesmo período, o preço da soja, principal matéria-prima utilizada na fabricação do biocombustível, apresentou variação negativa de 5,7%, em relação ao mês anterior, alcançando US\$ 24,55.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da ANP e CEPEA

- O consumo de biodiesel atingiu 745 milhões de litros em janeiro de 2026, registrando uma queda de 4,8% em relação a novembro. Quando comparado ao mesmo mês de 2025, observa-se um crescimento de 6,2% no consumo do biocombustível (ver Gráfico 17).



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da ANP

- O aumento da mistura de biodiesel no diesel de 15% para 16% (B16), previsto em lei para março, segue travado no governo sem data definida. O presidente da Frente Parlamentar do Biodiesel, deputado Alceu Moreira (MDB-RS), atribui o atraso a interferências da Casa Civil em defesa de interesses da Petrobras, que venderia menos diesel fóssil com uma mistura maior e tem promovido seu diesel coprocessado, produto com pequena parcela renovável que não entra na contagem da mistura obrigatória. A decisão aguarda pauta no CNPE. Para Moreira, não há justificativa técnica nem inflacionária para o atraso: a safra recorde de soja garante oferta folgada de matéria-prima, e o B16 não apresenta riscos para os veículos. O deputado ainda destaca que o avanço na mistura reduziria a dependência de importação de combustíveis fósseis, hoje próxima de 30% do consumo nacional, e ajudaria a absorver a capacidade ociosa do setor de biodiesel, que está em torno de 50%^{XIV}.
- Apesar desse cenário, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) pediu ao governo federal a elevação imediata da mistura de biodiesel de 15% para 17% (B17), saltando inclusive o B16 que já estava previsto em lei para março e não foi implementado. O argumento central é a escalada do conflito no Oriente Médio: o petróleo Brent superou US\$ 84/barril, com alta acumulada de mais de 20% desde o fim de fevereiro, e produtores rurais já relatam aumentos de até R\$ 1/litro no diesel na bomba. Do lado da oferta, a CNA destaca que a condição é favorável: a soja está em safra recorde, com preços abaixo dos níveis da pandemia, o que garante matéria-prima abundante e competitiva para o biodiesel. A capacidade ociosa do setor reforça que não faltaria produto para sustentar a elevação da mistura^{XV}.

9.3. Outros Biocombustíveis

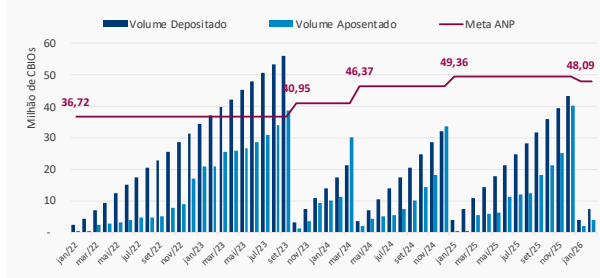
- Um seminário na Câmara dos Deputados reforçou o protagonismo dos biocombustíveis na agenda de transição energética brasileira e global. O presidente da COP30, embaixador André Corrêa do Lago, destacou o compromisso de países como Brasil, Itália, Japão e México em quadruplicar a produção de combustíveis sustentáveis até 2035. No plano doméstico, o deputado Arnaldo Jardim apresentou esboço de projeto de lei para o “mapa do caminho” nacional da transição energética, enquanto Casa Civil e ministérios preparam versão própria a ser apresentada no CNPE^{XVI}.
- O plano de implementação do Mapa do Caminho para biocombustíveis está estruturado em três fases:
 - **Fase 1 (2026–2029):** foca na preparação institucional, cumprimento integral da Lei do Combustível do Futuro, criação e operacionalização do Fundo Nacional de Transição Energética, ampliação imediata dos mandatos de biodiesel e conclusão dos marcos regulatórios para aviação e transporte marítimo;
 - **Fase 2 (2030–2033):** marca a aceleração da transição, com substituição estrutural do diesel fóssil por biodiesel, diesel verde e biometano, escalonamento dos biocombustíveis avançados (SAF, biocombustíveis marítimos), consolidação de hubs regionais e ampliação da competitividade internacional;
 - **Fase 3 (2034–2040):** visa a consolidação de um novo paradigma energético, com predominância de renováveis na matriz do ciclo diesel, uso residual e estratégico dos fósseis, liderança tecnológica nacional e posicionamento do Brasil como referência global em bioenergia e economia de baixo carbono.

- A ANP aprovou duas resoluções que regulamentam aspectos centrais da Lei do Combustível do Futuro no segmento de biometano: a emissão do Certificado de Garantia de Origem de Biometano (CJOB) e a individualização das metas anuais para produtores e importadores de gás natural. O CJOB funciona como instrumento de rastreabilidade do biometano produzido e comercializado, exigindo certificação obrigatória da unidade produtora e atestando origem do insumo e localização da produção, embora a participação no programa de descarbonização seja voluntária. A regulamentação define ainda critérios para credenciamento de agentes certificadores, escrituradores e entidades registradoras, além de prever sanções por descumprimento. No que tange às metas individuais, os agentes obrigados são produtores, auto-produtores, importadores e autoimportadores de gás natural com volume médio acima de 160 mil m³/dia, com metas calculadas descontando volumes reinjetados e exportados; para 2026, primeiro ano de vigência, as metas definitivas serão divulgadas até 1º de junho^{XVII}.

9.4.Mercado de CBIOS

- Em fevereiro de 2026, o estoque total de CBIOS foi de aproximadamente 2,74 milhões de títulos, segundo dados da B3. Desse montante, 63,7% estavam em posse de emissores primários, 34,0% com distribuidoras de combustíveis (partes obrigadas) e 2,2% com partes não obrigadas (ver Gráfico 18).
- As metas preliminares foram estabelecidas pela ANP, com base na meta compulsória anual definida pela Resolução nº 21. Para 2026, a meta foi fixada em 48,09 milhões de CBIOS. Em fevereiro, foram aposentados cerca de 1,76 milhão de títulos, que somados ao do mês anterior, correspondem a 3,78 milhões de CBIOS aposentados. Isso representa 12,1% da meta anual estabelecida.

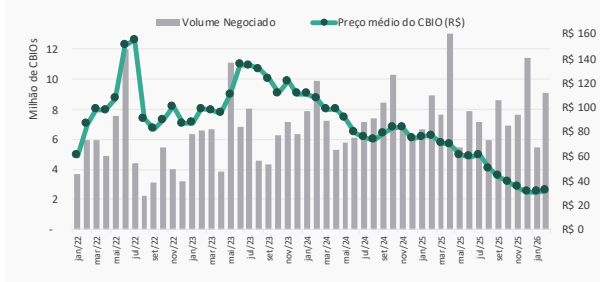
GRÁFICO 18: HISTÓRICO ACUMULADO DE DEPÓSITOS E APOSENTADORIA DE CBIOS AO LONGO DE CADA CICLO



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da B3

- Em fevereiro de 2026, os CBIOS apresentaram um preço médio de R\$ 31,99, elevação de 3,7% em relação ao mês anterior (ver Gráfico 19). Dessa forma, a média do ano está em R\$ 31,42.

GRÁFICO 19: HISTÓRICO DE NEGOCIAÇÕES E PREÇO MÉDIO MENSAL DE CBIOS



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da B3

- A ANP identificou geração irregular de lastro para emissão de CBIOS, a partir de notas fiscais com CFOPs 5118 e 6118, as chamadas operações triangulares, que são vedadas pelas regras do programa. A agência conduz a apuração em conjunto com o Serpro para mapear as ocorrências e seus impactos, e já corrigiu a plataforma de geração dos créditos para impedir novas irregularidades do mesmo tipo. A ANP reiterou que, nos casos de venda à ordem, as notas fiscais válidas para geração de lastro são as de remessa com CFOPs 5923/6923, tendo o distribuidor de combustíveis como destinatário, o que permite a correta apuração dos contratos de longo prazo firmados no âmbito do RenovaBio^{XVIII}.

REFERÊNCIAS

- i. MACFARQUHAR, Neil. A Timeline of the Tensions Between the Islamic Republic of Iran and the U.S. The New York Times. Publicado em 15 de março de 2026. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2026/03/15/world/middleeast/united-states-iran-history.html>>.
- ii. VALOR. Seguradoras cancelam apólices e aumentam preços de seguros para navios no Golfo Pérsico e Estreito de Ormuz. Publicado em 28 de fevereiro de 2026. Disponível em: <<https://valor.globo.com/financas/noticia/2026/02/28/seguradoras-cancelam-aplices-e-aumentam-preos-de-seguros-para-navios-no-golfo-prisco-e-estreiro-de-ormuz.ghtml>>.
- iii. S&P GLOBAL. Aramco's East-West pipeline to hit full capacity in 'next couple of days:' CEO. Publicado em 10 de março de 2026. Disponível em: <<https://www.spglobal.com/energy/en/news-research/latest-news/crude-oil/031026-aramcos-east-west-pipeline-to-hit-full-capacity-in-next-couple-of-days-ceo>>.
- iv. CNN BRASIL. Por que o porto de Fujairah, nos Emirados Árabes, é tão importante? Publicado em 14 de março de 2026. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/por-que-o-porto-de-fujairah-nos-emirados-arabes-e-tao-importante/>>.
- v. REUTERS. Iraq resumes Kirkuk crude exports via Ceyhan after Baghdad-KRG deal. Publicado em 17 de março de 2026. Disponível em: <<https://www.reuters.com/world/middle-east/iraqi-government-kurdish-authorities-reach-deal-resume-oil-exports-turkeys-2026-03-17/>>.
- vi. S&P GLOBAL. Iran exports first crude cargo outside the Persian Gulf as Israeli retaliation looms. Publicado em 18 de outubro de 2024. Disponível em: <<https://www.spglobal.com/energy/en/news-research/latest-news/crude-oil/101824-iran-exports-first-crude-cargo-outside-the-persian-gulf-as-israeli-retaliation-looms>>.
- vii. OPEC. Monthly Oil Market Report. March, 2026. Disponível em: <<https://momr.opec.org/pdf-download/>>.
- viii. OPEC. Saudi Arabia, Russia, Iraq, UAE, Kuwait, Kazakhstan, Algeria, and Oman adjust production and reaffirm commitment to market stability. Publicado em 01 de março de 2026. Disponível em: <<https://www.opec.org/pr-detail/593-1-march-2026.html>>.
- ix. NOVA CANA (2026). [Opinião] O que falta ao biocombustível do futuro?. Disponível em: <https://www.novacana.com/noticias/opiniao-falta-biocombustivel-futuro-020326>
- x. S&P GLOBAL (2026). UE avança com acordo comercial com o Mercosul apesar da revisão jurídica. Disponível em: <https://www.spglobal.com/energy/en/news-research/latest-news/agriculture/022726-eu-moves-ahead-with-mercosur-trade-deal-despite-legal-review>
- xi. S&P GLOBAL (2026). A guerra no Oriente Médio impacta a segurança alimentar global devido a problemas com fertilizantes, combustíveis e frete. Disponível em: <https://www.spglobal.com/energy/en/news-research/latest-news/agriculture/031326-middle-east-war-impacts-global-food-security-over-fertilizer-fuel-and-freight-issues>
- xii. NOVA CANA (2026). [Opinião] Com açúcar em excesso, produção de etanol pode crescer e preço cair. Disponível em: <https://www.novacana.com/noticias/acucar-excesso-producao-etanol-crescer-preco-cair-260226>
- xiii. NOVA CANA (2026). Etanol redesenha estratégias das usinas para a safra 2026/27. Disponível em: <https://www.novacana.com/noticias/etanol-redesenha-estrategias-usinas-safra-2026-27-260226>
- xiv. NOVA CANA (2026). Frente do Biodiesel cobra governo sobre alta da mistura e cita interesses da Petrobras. Disponível em: <https://www.novacana.com/noticias/frente-biodiesel-governo-alta-mistura-cita-interesses-petrobras-130226>
- xv. NOVA CANA (2026). CNA pede ao governo aumento da mistura de biodiesel para 17% devido a conflito. Disponível em: <https://www.novacana.com/noticias/cna-governo-aumento-mistura-biodiesel-17-conflito-090326>
- xvi. NOVA CANA (2026). Com foco em biocombustíveis, seminário aponta caminhos para a substituição do petróleo. Disponível em: <https://www.novacana.com/noticias/foco-biocombustiveis-seminario-aponta-caminhos-substituicao-gradual-petroleo-260226>
- xvii. NOVA CANA (2026). ANP aprova resoluções para regulamentação do biometano na Lei do Combustível do Futuro. Disponível em: <https://www.novacana.com/noticias/anp-aprova-resolucoes-regulamentacao-biometano-lei-combustivel-futuro-270226>
- xviii. NOVA CANA (2026). ANP identifica geração irregular de lastro para emissão de créditos na Plataforma CBio. Disponível em: <https://www.novacana.com/noticias/anp-identifica-geracao-irregular-lastro-emissao-creditos-plataforma-cbio-060326>

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

MANTENEDORES

